

## Percussão corporal com crianças: relato de experiência em prática baseada no grupo *Barbatuques*

Mariana Gomes Maziero  
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp)  
ma.maziero@gmail.com

**Resumo:** Relato de experiência de uma educadora musical com uma turma de mais de 20 integrantes entre sete e oito anos, as quais fazem aula de percussão corporal há pelo menos dois anos. Reconhecendo o corpo como instrumento, a partir da abordagem e possibilidades sonoras do grupo *Barbatuques*, os relatos são de momentos de aula que utiliza exclusivamente o corpo como o instrumento musical escolhido, em uma Organização Não Governamental. Apresenta situações de significativa compreensão de aprendizagem e prática musical, bem como de aspectos socializadores, de relação entre os integrantes do grupo de crianças e de relevantes transformações individuais.

**Palavras-chave:** percussão corporal; educação musical; Barbatuques

### Introdução

Pratico e pesquiso a percussão corporal desde 2007. Nos últimos quatro anos tenho investigado possibilidades dessa instrumentação para crianças de quatro a dez anos.

Além de participar de grupos de estudos de percussão corporal, desde de 2010, fui chamada por Fernando Barba (um dos fundadores do grupo *Barbatuques*) para integrar a equipe do *3º Festival Internacional de Música Corporal*, que aconteceria em São Paulo, já que eu também trabalhava com produção cultural. Depois desse festival, comecei a trabalhar com o *Barbatuques* como produtora local freelancer, os acompanhando em viagens, eventos e shows. Isso foi de forma intensa por cerca de quatro anos e continua até hoje de maneira esporádica. Nos últimos anos, pela experiência e pesquisa com aulas de percussão corporal, de vez em quando, eles me chamam para fazer substituição de algum integrante, sobretudo em oficinas. De 2014 a 2017 transitei como monitora e produtora das oficinas em módulos do Fernando Barba.

Paralelo ao *Barbatuques*, Barba criou a *Orquestra do Corpo* em 2014, grupo do qual integro como instrumentista desde o início. Também nesse mesmo ano foi quando me formei no curso técnico em música e comecei a dar aulas, as quais

sempre utilizei a percussão corporal como ferramenta principal, seja como oficina pontual ou em aulas regulares, em escolas regulares de educação infantil, escolas de música e em Organizações Não Governamentais.

Diante disso, o presente relato de experiência traz momentos de aula de percussão corporal<sup>1</sup> de uma turma de aproximadamente 26 crianças de sete e oito anos, das quais a maioria faz essa aula comigo semanalmente há, pelo menos, dois anos em uma Organização Não Governamental. Tal ONG trabalha no contra-turno escolar, com crianças de baixa renda e/ou vulnerabilidade social. Portanto, são crianças que já reconhecem minimamente o corpo como instrumento, tendo passado pela experiência dos jogos propostos pelo *Barbatuques*.

As aulas têm como tema central o corpo como objeto sonoro. O corpo é tratado como instrumento musical, com a percussão corporal, trabalhando o aperfeiçoamento da técnica, diferenciação de timbres, definição de alturas, ritmos, criação e improvisação.

## O Barbatuques

O *Barbatuques* é um grupo paulistano, com 20 anos de existência, que utiliza o corpo como instrumento musical, tendo extensa classificação de timbres possíveis de serem feitos com o corpo, utilizado-os com objetivos artísticos, estéticos e educacionais.

Para Simão (2013), o *Núcleo Barbatuques* atua em duas frentes: a artística e a pedagógica: a pedagógica, por meio de oficinas, vivências e cursos de diversos formatos; já a artística é composta pelas apresentações dos espetáculos: *O corpo do som* (2002), *Indivíduo corpo coletivo* (2007), *Tum Pá* (2011), *Ayú* (2015) e *Só mais um pouquinho* (2018)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup>Ministrei anteriormente aulas em uma escola de Educação Infantil nas quais a percussão corporal foi o instrumento escolhido para aulas de musicalização com crianças pequena. Isso gerou, como resultado, uma pesquisa para uma monografia desenvolvida como requisito para a conclusão de curso de pós graduação *lato sensu* (2016).

Atualmente, com o ingresso no mestrado (2019), continuo a investigar a prática da percussão corporal com crianças, baseada na proposta do grupo *Barbatuques*, porém focalizando essa prática na perspectiva das próprias crianças

<sup>2</sup> Os espetáculos e CDs *Ayú* e *Só mais um pouquinho* foram lançados em 2015 e em 2018, respectivamente, após a publicação da dissertação de Mestrado de João Paulo Simão.

As oficinas ministradas pelo grupo, organizadas em quatro módulos (I, II, III e IV), resultaram em material pedagógico (BARBOZA; HOSOI, 2015). No entanto, essas oficinas em módulos não foram elaboradas, inicialmente, para crianças.

Nessa perspectiva, Granja (2006) conclui que um dos principais objetivos das oficinas de percussão corporal é ensinar a linguagem musical com base nos sons possíveis de serem realizados com o próprio corpo. Desta forma, são desenvolvidas percepções rítmicas, melódicas e harmônicas, bem como o estímulo à capacidade de criação e expressão musical, o contato com o próprio corpo, o desenvolvimento motor, ampliando o autoconhecimento e a interação com o grupo.

Os jogos propostos pelo *Barbatuques* que foram trabalhados com essas crianças do relato a seguir são: flecha, ecos, refrão-improvisado, paisagem sonora, regência e construção de ritmos<sup>3</sup>.

## Dos relatos

Alguns dos sons organizados pelo *Barbatuques*, e que essas crianças já praticaram, são exploração e criação de repertório de sons corporais - palmas, estalos, sons de mãos percutindo no tronco e pernas, batida do pé no chão, mãos percutindo no rosto, passando pelos lábios, bochechas, *poc poc*, sons com lábio e língua (sem o uso das mãos) e sons vocais, que vão desde o uso de efeitos e texturas vocais até utilizar diferentes fonemas. Passa também pela imitação de instrumentos musicais, de animais ou de determinados ambientes, por meio da voz, são alguns dos sons organizados pelo *Barbatuques* e que essas crianças já praticaram.

A seguir, serão relatados alguns momentos e falas das crianças sobre a prática e reflexão durante as aulas de música corporal. Em todas as aulas o único instrumento disponível é o corpo, não há o “auxílio” de outro instrumento.

Para preservar a identidade das crianças, os nomes estão trocados.

---

<sup>3</sup>O resumo das atividades propostas teve como referência as apostilas dos módulos propostos pelo *Barbatuques* (mimeo) e SIMÃO, João Paulo. *Música corporal e o corpo do som: um estudo dos processos de ensino da percussão corporal do Barbatuques. Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2013.

## Da compreensão (ou não) do que o outro propõe

Conversávamos sobre uma dinâmica de improvisação em que o regente é também autor e propõe os sons a serem executados pelo grupo. Estávamos lembrando como era a dinâmica e uma criança diz “um fala e os outros imitam”. Perguntei sobre como era esse “falar para os outros imitarem” e a Giulia retrata um exemplo:

“Tem que explicar por partes. Tipo a Silvia, que faz aula de italiano e na perua ela ia ensinar uma frase em italiano para a gente. Como é, Silvia?

Silvia - a mulher come maçã é “*ladonnamangia mela*” (falando com fluidez).

Giulia - aí que eu não tinha a experiência em falar isso e não dava pra falar rápido, porque ela não dividiu por partes.”

Interessante notar como ela relaciona o processo de compreensão de uma frase musical com uma situação pessoal e traz esse exemplo para esclarecimento do jogo para a turma. E entende que uma forma de explicação eficaz seria por partes da frase, seja a musical ou a em italiano, para que, nas palavras dela, adquirisse “experiência” e conseguisse executar “rápido”.

Após terem feito essa dinâmica, no grupo em que Giulia e Alice estavam, teve um momento em que Silvia propunha algo que o grupo não conseguia executar. Perguntei como resolveram a questão. Alice pontuou “não resolvemos. A Silvia cortou (silenciou) e começou outra coisa”, dando uma nova solução para o fato de não compreenderem o que era para executar. Corta e começa algo novo. O que também mostra-se como uma possibilidade nesse jogo, uma vez que o regente pode alterar as ideias sempre que quiser, seja por “não ter dado certo” ou por querer testar outras possibilidades.

## Da não escuta

Vínhamos há algumas semanas trabalhando uma música com trava-língua. Depois de aprendermos todas as estrofes da música, pedi para que eles criassem um arranjo com percussão corporal, com toda a turma, sendo mais de 20 crianças presentes naquele momento. Propositamente, pedi que fosse um único grupo e não em subgrupos, como estavam acostumados a trabalhar.

Muita gente falando ao mesmo tempo, alguns dispersos, como se não estivessem na aula, outros preocupados com o que e como resolver, mas algo era comum: sons caóticos. Eles não estavam conseguindo se organizar e, por isso, foi intencional propor esse momento em que eles tentassem se resolver com um grupo maior.

Uma das crianças, tentando ouvir as propostas dos colegas para saber o que ele poderia fazer, sem sucesso, chega até mim, indignado e diz “professora, ninguém se escuta!”

A percepção dele foi precisa naquele momento e só então que intervimos, colocando as palavras dele, para que notassem que não era a professora dizendo isso, mas que essa reflexão veio de dentro do grupo. Isso se refletia não só na escuta das propostas, mas na execução musical, quando alguns atravessam o ritmo sem perceber, porque não havia a escuta do todo nem a de si mesmo.

### **Do não saber bater palma**

Íris chegava nas aulas constantemente se excluindo das rodas e sem interação com os demais colegas. Semanalmente, tinha um trabalho de tentar convencê-la para que participasse de algo. Sempre chorava e, quando dizia alguma coisa, era “não consigo”. Insistia para que ela tentasse e eu falava que tudo que estávamos fazendo ali muita gente também não sabia, mas que estava aprendendo e era preciso tentar, senão não daria para saber se conseguiria ou não.

Por muito tempo, iniciava as aulas com o jogo da flecha<sup>4</sup>fazendo o som de batida de palma, da forma que cada um conseguisse fazer. Quando ela entrava na roda para fazer e a flecha era jogada para ela, o jogo parava e era seguido da frase “eu não consigo” novamente.

Bater palma, para mim, sempre foi algo que aprendemos a fazer quando ainda bebês. Claro que ali, possivelmente, havia um bloqueio da criança em tentar fazer qualquer coisa que fosse proposta. Essa situação me colocou a questão de que, apesar de ter explicado diferentes tipos de palma em outro momento, talvez,

---

<sup>4</sup>É um exercício de comunicação não verbal feito por meio do olhar em que o grupo tem de estar em uma roda e o jogo é iniciado quando uma pessoa bate uma palma e a envia para outro integrante, como se estivesse mirando o alvo de uma flecha. A pessoa que recebe, repassa a flecha para a outra de dentro da roda e assim por diante. Simão (2013) complementa que todos devem estar em estado de alerta e de prontidão para receber a palma e logo repassar para outra pessoa. O jogo da flecha é moldável ao que o grupo está desenvolvendo (pulsção, timbres, frases, ostinatos etc).

eu precisasse “ensinar” a ação de percutir uma palma na outra, pois algo que eu considerava de senso comum, não era.

### Das criações individuais perante o grupo

Tenho proposto algumas estruturas que possibilitem a criação coletiva de um arranjo e/ou momentos de improvisação individuais.

Uma dessas foi a canção de roda *Farinhada*, de Araçuaí-MG, presente no livro *De roda em roda*, de Teca Alencar de Brito (2013), em que a turma criou o arranjo para a parte A: “Vou fazer uma farinhada, muita gente eu vou chamar (bis)” e outro para a parte B: “Só quem gosta de farinha, pode peneirar aqui (bis)”. A parte B é intercalada, como um refrão, por: “Vou chamar *fulano* para peneirar aqui (bis)”. Em roda, na ordem, cada um era chamado para ir ao centro e improvisar individualmente algum som.

Ao voltar para o seu lugar na roda, todos retornavam para a parte B da canção. Aqui, pudemos criar o arranjo das partes fixas da música, de maneira coletiva, sendo que sempre que uma parte se repetia, então, era preciso voltar no mesmo ponto não só do canto, mas também do que foi criado como arranjo.

Outro momento foi com a canção de pergunta e resposta (ainda não registrada) *O que sabe fazer?*, do educador musical Cacá Lima, que tem a seguinte letra, cantada em jazz feeling:

“\_Olá, como vai? Muito prazer! Como você anda e o que sabe fazer? (grupo - pergunta)

\_Meu nome é *fulano*, que felicidade! E XXXX, é a minha especialidade. (sozinho - resposta). Eu disse: XXXX. (sozinho - pergunta)

\_XXXX (grupo - resposta)

\_XX XX (sozinho - pergunta)

\_XX XX (grupo - resposta)

\_X X (sozinho - pergunta)

\_X X (grupo - resposta). E X X é o que ele/ela sabe fazer! (grupo)”

Nos lugares em que estão XXXX, originalmente, a pessoa fala alguma habilidade sobre si e nas repetições de pergunta e resposta, ela cria variações cantando tal habilidade (normalmente uma ação, por exemplo: “E cantar é minha especialidade. Eu disse cantar”). Porém, aqui, acordamos que falaríamos e

tocaríamos um som do corpo, como a “minha especialidade”. Desta forma, praticamos não só a uma estrutura responsorial, mas também o eco e a tentativa de imitar um som produzido por alguém, aumentando o repertório de timbres e a precisão da imitação, quando tem-se a resposta (por exemplo, “E estalar os dedos é a minha especialidade. Eu disse estalar os dedos...”).

Ambos os exemplos propõem que as crianças possam se colocar individualmente diante do grupo. O que gera reações diversas: o não querer se expor, o dar lugar “de fala” para se colocar à alguém que normalmente se amálgama ao grupo, o de querer se destacar diante de todos (alguns mais tímidos, outros tendo ali como mais espaço de exercer certa “liderança”), dentre outras. Porém, uma ação coletiva mostrou-se comum, a de querer ouvir o som individual de quem quer que estivesse na sala, mesmo se não estivesse na roda.

### **Dos ensaios e criação de rimas**

Quando Marco Antônio entrou na turma, ele tinha surtos de agressividade, tendo, muitas vezes, de “bloqueá-lo” fisicamente, antes que batesse em alguém. Dificilmente participava das atividades propostas, fugia dos responsáveis e ficava andando pela instituição. Quando estava em aula ou era brigando com alguém, pois ele se sentia provocado o tempo todo, ou se excluía e ficava de canto.

Com acompanhamento do setor de psicologia, ele passou a participar mais das aulas, conseguindo interagir com o grupo de forma saudável e afetiva e algo que o motivou nas aulas foi a construção de rimas, a partir de uma canção colombiana. A turma criou diversas rimas, mesmo que sem sentido literário, mas com “palavras que o som combinava”, sendo seguida pela resposta/refrão “Cae Cae”.

Passamos semanas criando as rimas e como tocaríamos essa música que eles criaram, quem cantaria os momentos de solo, como seriam os momentos de *tutti*. Marco Antônio mostrava-se o mais atento (mais do que a professora, inclusive) em saber a ordem de todas as rimas, o que rimava com o que, as voltas da música, quem era o “responsável” por cada parte etc.

Apesar de ele não ainda não estar totalmente “sociável” com a turma, ficou claro o quanto o apropriar-se da construção do conhecimento, seja musical ou

textual, fez com que ele pudesse se sentir parte do grupo e aos poucos ir conquistando o próprio espaço, se colocando de forma diferente, propositiva.

### **Do aprender e ensinar com os colegas**

Íris, a mesma criança que dizia não saber bater palma, começou a faltar aulas seguidas nas semanas finais do ano, nas quais estávamos ensaiando a apresentação para a festa de Natal, em que eles criaram todo o arranjo da música que cantariam e tocariam. Um dia antes da apresentação, que acontece sempre em um sábado, há um ensaio geral no período da manhã (no caso, essa turma é do período da tarde, então, os que podem, faltam na escola para poder participar desse ensaio) e à tarde passamos pontualmente o que cada turma fará, de maneira isolada do espetáculo como um todo. No dia do ensaio geral, Íris apareceu de manhã para participar. No entanto, ela só sabia a parte cantada da música, não haviaparticipado do processo de construção do arranjo com a turma, então, ela não sabia o que tocar, nem como seria a disposição no palco.

O trabalho com ela já tinha sido uma grande conquista ao longo do ano, no que se refere ela participar das aulas, se colocar, propor ideias, contribuir com o grupo e, mesmo com as faltas nas semanas finais, não poderia dar esse passo para trás e não deixar que ela participasse.

Conversamos e ela disse que ficaria à tarde também e iria na apresentação no dia seguinte. Assim que acabou a passagem da manhã, eu precisava sair e voltaria à tarde. Algumas colegas que estavam por perto viram a nossa conversa e uma falou “professora, a gente ajuda a Íris na hora do almoço”, outra “é, a gente ensina a parte que ela ainda não sabe” e isso foi formando um coro entre as crianças que estavam próximas. De fato, elas ensinaram o que faltava para a Íris aprender e quando retornei para ensaiar com a turma toda, ela tocou com todos. E foi para a apresentação.

Importante notar o espaço que a Íris conquistou na turma de respeito e empatia dos demais, o que não existia quando ela entrou. Normalmente, quando estávamos em algum jogo e ele parava ao chegar nela, por ela ficar, muitas vezes, paralisada, as outras crianças diziam “ela não sabe”. Afinal, era o que ela sempre dizia. Temos, aqui, um salto enorme na qualidade das relações dessas crianças que passaram a querer ajudar o outro a aprender e não mais a julgar.

## Conclusão

A percussão corporal é amplamente utilizada na educação musical em diversos momentos, desde propostas dos primeiros pensadores da educação musical do início do século XX até mais contemporâneos, bem como em brincadeiras próprias da infância, como os jogos de mãos ou pular amarelinha. A diferença deste trabalho é de que a percussão corporal é utilizada de forma exclusiva, como escolha da instrumentação para as aulas de música<sup>5</sup>.

É claro que como em qualquer escolha exclusiva, têm-se perdas e ganhos, havendo algumas limitações musicais, neste caso, como referências harmônicas, por exemplo, que é suprida quando se chega a um nível de excelência, o que não é a pretensão nesta turma agora.

Contudo, em um momento em que nós, educadores musicais, estamos no limbo prático no qual as escolas utilizam a música como conteúdo e não como disciplina, de uma forma que não se regulamenta esse ensino, bem como também não há investimento, a percussão corporal, entendendo-a como uma potente ferramenta de produção, compreensão e performance musical, mostra-se uma alternativa de resolução prática no ensino de música. Além de, como relatado, ser um elemento potencial para o desenvolvimento da musicalidade.

Nada mais inerente do que ter contato com a música por meio do próprio corpo. É necessário, entretanto, que o professor tenha domínio técnico da percussão corporal para explorar, criar jogos, brincadeiras, ritmos, vivências etc em aula e, sobretudo, para observar as potencialidades desse instrumento com as crianças.

Um dos destaques dessas aulas é a individualidade *versus* coletividade. Como cada corpo é diferente, a criança executa um som que é só dela, os colegas podem conseguir realizar o som de forma parecida, mas o timbre é particular. Ao mesmo tempo, o trabalho coletivo apresenta-se como um constante exercício, desde a aprendizagem e a sensibilidade necessárias de tocar em grupo, identificando as ações de produzir sons, silenciar, olhar, escutar (a música, o grupo, o outro) e se

---

<sup>5</sup>No caso das aulas relatadas, elas são especificamente de percussão/música corporal como escolha de instrumentação.

abrir para si, para o outro e para o coletivo, aspectos importantes nos processos socializadores.

## Referências

BARBOZA, Fernando; HOSOI, André (organizadores). *Apostila de música corporal (Barbatuques). Módulos I, II, III e IV*. São Paulo, 2015, mimeo.

BRITO, Teca Alencar de. *De roda em roda: Brincando e cantando o Brasil*. São Paulo: Peirópolis, 2013.

GRANJA, Carlos Eduardo de Souza Campos. *Musicalizando a escola: música, conhecimento e educação*. São Paulo: Escrituras Editoras, 2006.

SIMÃO, João Paulo. *Música corporal e o corpo do som: um estudo dos processos de ensino da percussão corporal do Barbatuques. Dissertação de Mestrado*. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, 2013.

## Referências discográficas e videográficas

BARBATUQUES. *Corpo do som*. São Paulo: MCD, 2002. 1 CD.

\_\_\_\_\_. *O seguinte é esse*. São Paulo: MCD, 2005. 1 CD.

\_\_\_\_\_. *Corpo do Som - Ao vivo. Body music*. São Paulo: MCD, 2007. 1 DVD.

\_\_\_\_\_. *Tum Pá*. São Paulo: MCD, 2012. 1 CD.

\_\_\_\_\_. *Tum Pá*. São Paulo: MCD, 2014. 1 DVD.

\_\_\_\_\_. *Ayú*. São Paulo: MCD, 2015. 1 CD.

\_\_\_\_\_. *Só mais um pouquinho*. MCD, 2018. 1 CD.